

CAPA

Brasil masoquista

AOS PROBLEMAS HISTÓRICOS QUE PERMANECEM
JUNTAM-SE OUTROS, ENQUANTO SE FORMULAM LEIS
PARA PROTEGER OS VILÕES

por MINO CARTA





Triste asinado Brasil: permanecem problemas antigos que o tornam o mais desigual do mundo, depois da África do

Sul, vítima até de uma situação pior do que aquela dos demais países africanos. Vivemos uma pantomima trágica, incapazes de percebê-la, enquanto se formulam leis para proteger os violões. Só houve um avanço graças à decisão de Lula, ao enquadrar as Forças Armadas. No mais, precipitamos no abismo de uma irredutível medievalidade, pela qual casa-grande e senzala continuam de pé. Juros de 14% obstam qualquer propósito empresarial de voltar a uma produção industrial, de sorte a favorecer o agronegócio, a condenar o Brasil à exportação praticamente exclusiva de *commodities*.

À revelia de papa Francisco, incansável na defesa da paz mundial, enfrentamos, por causa de Vladimir Putin, empenhado em reconstruir o poderio soviético, a perspectiva de uma guerra nuclear a inquietar o mundo todo. A pergunta é: até quando o Ocidente resistirá à ameaça? O que sobra para enfrentar a fúria russa, senão o recurso às mesmas armas por ele empregadas contra a Ucrânia agredida? É este o dilema proposto ao mundo e Lula reage com uma profissão de fé pacifista, como se isto bastasse para evitar o cataclismo anunciado.

Em compensação, a Câmara dos Deputados, com aval petista, reelegeru Arthur Lira na sua presidência, qual estivesse disposta a premiar os serviços por ele prestados por longo tempo a Jair Bolsonaro, genocida da nação indígena dos Yanomâmis, no momento em viagem tu-

A intentona urdida por Bolsonaro dia 8 de janeiro. No momento, o energúmeno demente passa férias em companhia de Mickey Mouse

SÉRGIO LIMA/AFP



rística à Flórida. Consta ser ele um fã definitivo de Mickey Mouse. Este Brasil incapaz de resolver seus problemas antigos, digamos mesmo atávicos, e, todavia, disposto a criar outros novos em folha, a ponto de gerar a impressão de formas de masoquismo de proporções federais.

Cabe perguntar aos nossos estarecidos botões se o Brasil estaria preparado para se haver com uma enxurrada de parlamentares não da oposição, mas quintas-colunas, e a lidar com a terra arrasada deixada pelo ex-capitão com absoluta naturalidade, como se daria se não passasse de um levíssimo acidente de percurso. Respondem os botões, em tom sinistro: mas que pretende você? Este é o Brasil.

Este enredo começa, se quisermos, há 523 anos, mas na versão mais recen-

te galopamos tempo adentro para alcançar o ponto inicial do *impeachment* de Dilma Rousseff, presa no Palácio da Alvorada pelo usurpador de plantão, Michel Temer, corrupto até a medula, conforme é do conhecimento até dos

armazéns e do cais do Porto de Santos. É ali que se estabelece o nó da história mais recente a precipitar problemas de sempre, acrescidos os novos e não menos daninhos.

Já havíamos tomado o caminho errado quando chamamos de redemocratização o período que se seguiu ao fim da ditadura, que a própria, aliás, decidira, conforme os planos do general Golbery do Couto e Silva e a morte de Tancredo Neves, consagrado pela população o salvador da pátria. O governo que, em obediência às condições do momento, influenciadas pela lembrança da ditadura recentíssima, coube a José Sarney, manchado por dois episódios do Cruzado: o primeiro em janeiro de 1986 e o segundo em novembro desse mesmo ano. Em ambos os casos se ilustraram o governo e o País.

As desavenças provocadas pelo desas-

**E LOGO ECLODE
NOTÍCIA DO
GENOCÍDIO
DA NAÇÃO
YANOMÂMI.
A GLOBO FORNECE
AO SEU PÚBLICO
UM RELATO DA
TRAGÉDIA.
FANTÁSTICO!**



trado governo de Fernando Henrique Cardoso, capaz de quebrar o Brasil em três diferentes ocasiões, facilitaram a vitória de Lula em outubro de 2002 e de um período de paz e inegável progresso ao longo de dois mandatos do ex-metalúrgico, e na continuidade do seu governo representada pela eleição de Dilma Rousseff. E foi então que o bolo embatumou, como se disse então, por obra do golpe que conduziu Michel Temer à Presidência.

A Lava Jato, engendrada por Sergio Moro e Deltan Dallagnol, incumbiu-se de prender Lula na proximidade das eleições de 2018 para favorecer a subida ao poder do energúmeno demente Jair Bolsonaro, até hoje presente não somente como turista nos Estados Unidos, mas também nas pessoas de governadores e prefeitos a infestarem o Brasil. Enriquecido o Congresso pela presença de inúmeros quintas-colunas, preparemos nossos corações para as desgraças que ainda virão, e de grande porte. Definham as esperanças em relação a um futuro alvissareiro, enquanto o Brasil teima em ser vítima de si mesmo.

Passamos por uma tentativa de golpe, verdadeira intona praticada com apoio dos quartéis, no evento esterrecor de 8 de janeiro passado, em Brasília, e da “fantástica” exibição do genocídio do povo Yanomâmi no espaço menor a um mês, sem entender com os necessários clareza e temor o significado destes pavorosos eventos. Uma operação punitiva está ainda em andamento, a se esmerar em prisões importantes e a seguir a rota singular de um projeto de golpe proposto em várias páginas datilografadas que passou de mãos em mãos impunemente.

Não é o caso, agora, de analisar o desempenho do governo de Lula ao ter em vista a proximidade do pleito, mas aí está toda a imponência da pauta de preocupações a aguardar a atenção do presidente. •

MICHEL DANTAS/JAFPE CONDISI-Y/MINISTÉRIO DA SAÚDE

